

A SEMANA – 226*

27 de setembro de 1896

Não é preciso dizer que estamos na primavera; começou esta semana... Oh! bons tempos em que os da minha turma repetíamos aquilo do poeta: *Primavera, gioventù dell'anno: gioventù, primavera della vita!*¹ Alguns iam ao ponto de repetir aquilo outro³ do lusitano: *Ah! não me fujas! Assim nunca o breve tempo fuja da tua formosura!*⁴ Vai tudo em linha de prosa, que é de prosa o meu tempo, não o teu, leitor de buço e vinte anos; donde resulta a mais trivial das verdades deste mundo, e provavelmente do outro, que o tempo é para cada um de nós o que cada um de nós é para ele. Nem todos terão aquele verdor nonagenário do visconde de Barbacena,⁵ que não sei se veio ao mundo no mesmo dia que Victor Hugo, dois anos depois de começado o século, mas em todo caso

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 271, p. 1, 27 set. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 284-291). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ *gioventù] giuventù* – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio Buarque de Holanda.

² “O Primavera gioventù dell’anno / Bella madre di Fiori” (GUARINI, 1602, p. 86 [ato III, cena I]); “Ó Primavera, juventude do ano / Bela mãe das flores.” [Trad. nossa] Versos da tragicomédia *Il pastor Fido* (1589), do poeta italiano Giovanni Battista Guarini (1538-1612). No poema, não localizamos a segunda parte da citação – “*gioventù, primavera della vita!*”. A citação (quase) na íntegra dos versos italianos, como estão na crônica de Machado de Assis, encontra-se na epígrafe do poema *Primaveras* (1859), de Casimiro de Abreu – *Primavera! juventud del anno, / Mocidad! primavera dela vita.* (ABREU, 1999, p. 143) –, que os atribui a Metastasio. Sousa da Silveira, em nota à sua edição das obras do poeta fluminense, diz não ter localizado em Metastasio os versos que Casimiro tomou para epígrafe: “mas não devem ser como estão. Suponho-os assim: ‘*Primavera! gioventù dell’anno, / Gioventù! primavera della vita.*’” (ABREU, 1999, p. 145) O editor não justifica sua suposição. A citação vem também como epígrafe do poema XIV de *Les Feuilles d’automne*, de Victor Hugo: “Oh primavera! gioventù dell’anno. / Oh gioventù! primavera dela vita.” (HUGO, 1846, p. 58) Essa epígrafe está no mesmo livro do qual o cronista cita, logo adiante nesta crônica, trecho do primeiro verso do primeiro poema (I): “*Ce siècle avait deux ans! Rome remplaçait Sparte.*” (HUGO, 1948, p. 13). Parece que o cronista colheu a citação italiana em Victor Hugo. Chegamos a essa opinião após ler o estudo de Ionara Satin (2018, p. 145-146).

³ *aquiloutro] aquil’outro* – em GN. Seguimos Aurélio Buarque de Holanda na grafia da palavra. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* não registra esse vocábulo.

⁴ *Os Lusíadas*, IX, 79, 1-2. (CAMÕES, 2005, p. 225)

⁵ Felisberto Caldeira Brant Pontes (1802-1906), segundo visconde de Barbacena, era político. O cronista se referiu a ele em “A Semana – 185” (15 dez. 1895), neste número da *Machadiana Eletrônica*, como “jovem nonagenário, que espera firme o princípio do século próximo”.

já então *Rome remplaçait Sparte*.⁶ Quem o vê andar, falar, recordar tudo, examinar, discernir, entrar e sair de um *tramway*,⁷ como os rapazes seus netos, põe de lado estações e idades, e crê que, em suma, tudo isto se reduz a nascer ou não com grande força e conservá-la.

Dizem as gentes europeias que a primavera nas suas terras delas entra com muito maior efeito, quase de súbito, fazendo fugir o inverno diante de si. Entre nós, povo lido, a primavera entra pelos almanaques. Não há almanaque, não há folhinha, ainda as que servem só de mimo aos assinantes de jornais, que não traga a entrada da primavera no seu dia próprio, fixo e único. Já é alguma coisa; e quando a civilização chegar ao ponto de só dominar neste mundo o espírito do homem mais valerá ter a primavera encadernada na estante que lá fora na campina, se é que ainda haverá campina. O natural é que os homens se vão estendendo, e as casas com eles, e as ruas e os teatros e as instituições, e todo o mais aparelho da vida social. A terra será pequena, a gente prolífica, a vida um salão, o mundo um gabinete de leitura.

Não te aflijas se a estação das flores não entra aqui como por outras partes; aqui é eterna. A terra vale o que ainda agora nos disse de Pernambuco o Sr. Studebaker, um dos membros da comissão americana, que há pouco nos deixou. A carta desse cavalheiro⁸ é um documento que devia estar diante dos olhos de cada um de nós; não dirá nada novo, mas é um testemunho pessoal e americano. Diz ela que nós podemos produzir tudo quanto nasce da terra... mas temos entre nós homens perniciosos, tornando-se necessário que os íntegros se dediquem à causa do bem. Creio em ambas as coisas; mas toda a nossa dificuldade vem de não sabermos exatamente quais são os perniciosos nem quais são os íntegros. Vimos ainda agora em Sergipe que os perniciosos são dois, o padre Campos e o padre Dantas,⁹ e que os íntegros não são outros. De onde resulta uma anistia em favor do padre Campos.

⁶ Segundo hemistíquio do primeiro verso do poema I de *Les feuilles d'automne*, de Victor Hugo: “*Ce siècle avait deux ans! Rome remplaçait Sparte.*” (HUGO, 1948, p. 13): “Este século tinha dois anos! Roma substituíra Esparta.” [Tradução nossa]

⁷ *tramway*,] trâmuei, – em SEM1953.

⁸ A carta de J. M. Studebaker, um dos membros da comissão americana de comércio e indústria que veio ao Brasil, enviada a Cordeiro da Graça, foi publicada no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 263, p. 2, col. 2, 19 set. 1896): “COMISSÃO NORTE-AMERICANA / O Sr. capitão-tenente Dr. Cordeiro da Graça recebeu a seguinte carta: / *SS Nile*, Setembro 9, de 1896. / De bordo deste grande paquete, prestes a deixar um dos maiores portos que Deus tornou conhecido ao homem, contemplo a bela cidade do Rio de Janeiro, situada entre serras pitorescas, com o Pão-de-Açúcar sempre aos vossos olhos, como querendo dizer, cheio de bondade para todos e sem maldade a ninguém: ‘Eu sou escultor de tudo que vedes, sede bem-vindos.’ / [...] / O vosso é um país de onde se pode tirar tudo que é dado ao solo produzir; pode, em caso de necessidade, abastecer o mundo com os seus valiosos produtos. Deus, o criador de todos os bens, de tudo vos dotou; precisais de homens bons, inteligentes, honestos e crentes em Deus, à testa do vosso Governo para fazerem leis que protejam e elevem tanto o pobre como o rico, quer sejam brancos quer pretos. Ensinai-lhes, em vossas escolas, que liberdade quer dizer lealdade à bandeira, proteção a vossas famílias e honestidade principalmente nas vossas urnas.”

⁹ Sobre os padres Dantas e Campos, ver nota 3 em “A Semana – 224” (13 set. 1896), neste número da *Machadiana Eletrônica*.

Também recomenda braços o nosso hóspede, braços e temor a Deus. O segundo é preocupação anglo-saxônia, que não entra fundo em almas latinas ou alatinadas. Quanto aos braços, era eu pequeno, e, apesar da vasta escravatura que havia, já se chorava por eles. Muitos tinham sido já chamados e fixados. Vieram depois mais e mais, até que vieram muitos e muitos. Os alemães enchiam o sul; os italianos estão chegando aos magotes, e se a última questão afrouxou um pouco a importação, não tarda que esta continue e a questão acabe.¹⁰ É o que se espera do ministro novo, Sr. De Martino.¹¹ Que há já muito italiano, é verdade; mas esta raça é fácil de ser assimilada, e trabalha e prospera. Tive amigos que vinham dela, e tu também, e aí os há que não vêm de outra origem.

Agora mesmo ouço cantar um pássaro, e, se me não engano, canta italiano. Também os há que cantam alemão; Lulu Júnior¹² acha até¹³ que a música desta segunda casta é melhor que a daquela. Eu creio que todos os pássaros são pássaros e todos os cantos são bonitos, contanto que não sejam feios. O que não quero é que se negue ao alemão o direito de ser cantado. A língua que ora ouço ao pássaro é, como digo, a italiana, e por pouco parece-me Carlos Gomes. Eis aí um que ligou bem os dois países, as duas histórias e já agora as duas saudades. Partiu ontem um vapor armado em guerra para conduzi-lo até cá.¹⁴ Viva o Pará! que rejeitou a ideia de o mandar em navio mercante, e pôs por condição que ou viria com todas as honras da Arte e da Morte, ou ficaria lá com ele. Não ficaria mal à beira do Amazonas o cantor do nosso Brasil, nem o Pará merece menos que qualquer outra parte; ao contrário, a terra que serviu de berço a Carlos Gomes não teve para ele mais carinhos que essa que lhe serviu de leito mortuário, e, em todo caso, teve-os na prosperidade. Dá-los à dor é maior.

Estávamos... Creio que estávamos nos braços italianos, não os que amam e fazem amar, mas os que lavram a terra; foram eles que me trouxeram aqui, a propósito do industrial americano, que lá vai. Tem-se dito que há muita aglomeração italiana em S. Paulo, o mesmo que se havia dito em relação aos alemães nas colônias do Sul. Há destas onde a língua do país não é falada nem ensinada, nem sabida, ou mal sabida por alguns rudimentos escassos que os próprios mestres alemães dão aos seus meninos, a fim de que de todo em

¹⁰ Sobre a “última questão” (dos protocolos italianos), ver, neste número da *Machadiana Eletrônica*, “A Semana – 222” (30 ago. 1896) e “A Semana – 223” (6 set. 1896).

¹¹ Renato De Martino (1843-1903): diplomata italiano, nomeado ministro plenipotenciário pelo rei Umberto I para tratar da questão dos Protocolos Italianos. (Cf. SILVA, 2017)

¹² Pseudônimo de Luís Joaquim de Oliveira Castro (1863-1920), jornalista que atuava na *Gazeta de Notícias*. Ver nota de John Gledson em “A Semana – 177”, crônica de 20 de outubro de 1895. (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 253-259, nota 7, jul.-dez. 2021)

¹³ acha até] acha – em SEM1953.

¹⁴ Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 270, p. 2, col. 2) de 26 de setembro de 1896, há notícia de que transcrevemos o parágrafo inicial: “A fim de trazer o corpo embalsamado do maestro Carlos Gomes, deve seguir hoje para o Estado do Pará o vapor *Itaipu*, armado em guerra.” Sobre esse assunto, ver “Notas do dia”, do *Diário de Notícias* de Belém do Pará, ao final desta crônica.

todo não ignorem o meio de pedir fogo a alguém ou bradar por socorro. A culpa não é deles, mas nossa; e, se tal sucede em S. Paulo, a culpa é de S. Paulo.

Há tempos falou-se no mal das grandes aglomerações de uma só raça. Seja-me lícito citar um nome que os acontecimentos levaram, como levam outras coisas mais que nomes, o de Rodrigo Silva, que foi aqui ministro da agricultura.¹⁵ Este ministro tinha por muito recomendado aos encarregados da colonização que intervalassem as raças, não só umas com as outras, mas todas com a do país, a fim de impedir o predomínio exclusivo de nenhuma. Circulares que o vento leva; a política era boa e fácil e dava ganho a todos, aos de fora como aos de dentro. Mas as circulares são como as ilusões: verdejam algum tempo, amarelecem e caem logo; depois vêm outras...

Deixemos, porém, essa matéria mais de artigo de fundo que de crônica, e tornemos ao céu azul, ao sol claro, à temperatura fresca. Não há desfalque¹⁶ pequeno nem grande que resista ao efeito da bela catadura da natureza. Que vale um desfalque ao pé da saúde, que é a vida integral, a perfeita contabilidade humana? Depois, a saúde sente-se igualmente, não há duas opiniões sobre ela; o desfalque, sem negar que é alguma coisa que falta (geralmente dinheiro)¹⁷ não há dúvida que é ideia filha da civilização, e a civilização, como dizia um filósofo amador do meu tempo, é sinônimo de corrupção.¹⁸ E há sempre duas opiniões sobre o desfalque, – a do desfalcado e a outra.

Que haja falta de dinheiro em alguma parte é natural. Esta coisa que uns americanos querem deva ter por padrão tão somente o ouro, outros a prata igualmente,¹⁹ ainda se não acostumou tanto aos homens que não se esconda deles algumas vezes, e não desapareça como as simples bolas nas mãos de um prestidigitador. Dinheiro por ser dinheiro não deixa de ter vergonha; o pudor comunica-se das mãos à moeda, e o gesto

¹⁵ Rodrigo Augusto da Silva (1833-1889), advogado, político (deputado em nove legislaturas e senador, quatro vezes ministro de Estado) e diplomata brasileiro. Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis* (2021, p. 503), registrou: “No dia 8 de maio de 1888, Silva apresentou à Câmara dos Deputados o projeto de libertação dos escravos, sancionado pela princesa Isabel em 13 de maio. No dia 16, foi homenageado pelos funcionários de seu Ministério [da Agricultura, Indústria e Comércio]. Na ocasião, Machado proferiu um discurso, reproduzido parcialmente pela *Gazeta de Notícias*. No dia 30 de março de 1889, Rodrigo Silva assinou o decreto de nomeação de Machado como diretor da Diretoria do Comércio, da Secretaria de estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.”

¹⁶ Notícias de desfalques circularam nos jornais nesta semana (Ver *Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 264, p. 2, col. 2, 20 set. 1896). O cronista aborda com frequência esse assunto em suas crônicas: é matéria recorrente em “A Semana”.

¹⁷ (geralmente dinheiro)] (geralmente dinheiro), – em SEM1953.

¹⁸ corrupção.] corrupção. – em SEM1953. Não identificamos quem é o filósofo amador a quem o cronista se refere.

¹⁹ Esta questão foi discutida em “A Semana – 218”, de 2 de agosto de 1896, que pode ser lida neste número da *Machadiana Eletrônica*. Em 1896, a “discussão sobre o padrão monetário, ouro ou bimetalismo [ouro e prata], foi o tema central da campanha presidencial dos EUA, que opôs William McKinley [1843-1901] pelo Partido Republicano, defensor do padrão-ouro, a William Jennings Bryan [1860-1925], candidato pelos partidos Democrata e Populista, que defendia o bimetalismo.” (FRANCO, 2007, p. 216) McKinley foi eleito presidente.

mais certo do pudor é fugir aos olhos estranhos, – ou, pelo menos²⁰ às mãos, como na ilha dos Amores. Daí os desfalques; fica só o algarismo escrito, a moeda esvai-se; tais as ninfas da ilha correm nuas:

..... aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando.²¹

Não importa; os que teimarem hão de acabar como o cavaleiro do poeta, que afinal pôde deitar os braços a uma das ninfas esquivas. E depois, ainda que não se alcance nenhuma, a terra é fértil, a população grande, e a gente nova aí vem com os seus braços para trabalhar e colher, não menos que para amar e engendrar. Tudo aqui é calor de primavera; a América, bem considerada, é a primavera da história. Há uma diferença entre esta e a do norte, é que por ora não brigamos por ouro ou prata, Bryan ou McKinley;²² o papel nos basta e sobra.



²⁰ menos] menos, – em SEM1953.

²¹ *Os Lusíadas*, IX, 72, 7-8. (CAMÕES, 2005, p. 223)

²² McKinley;] Mac-Kinley; – em GN e em SEM1953. Ver nota 19.

NOTAS DO DIA

Felizmente nem tudo está perdido.

O cadaver de Carlos Gomes não embarcará em vapor mercante como qualquer sacca de café.

O sr. Campos Salles procura se justificar, allegando ter se dirigido ao governo federal, visto não ter competencia para mandar um vaso de guerra buscar o corpo do eminente maestro, como se vê do seguinte despacho da nossa collega *A Provincia do Pará* de hontem:

« SÃO PAULO, 24 — Foi por não ter obtido providencias do governo da União para a remessa do corpo de Carlos Gomes, que tratei de pedir-vos que fosse ella feita em navio mercante. Acabo de renovar o meu pedido ao Presidente da Republica para dar um transporte de guerra e vos comunicarei a sua resposta; suspendei, entretanto, as providencias solicitadas em telegrammas anteriores. *Campos Salles*, presidente de S. Paulo. »

Este telegramma mereceu a resposta que abaixo transcrevemos, do governador do nosso Estado e que interpretou os sentimentos do povo paraense :

« A este despacho respondeu hontem o sr. dr. Lauro Sodré lembrando ao presidente de São Paulo que deve manter o seu pedido ao Governo Federal, pois a população do Pará está excitada e compungida pelo abandono em que se quer deixar o corpo do maestro e não consentirá que d'aqui parta como um fardo, em navio mercante. »

O presidente da Republica moveu se e vem aqui o transporte de guerra *Taipú* receber a seu bordo os preciosos despojos.

Ainda é ao Pará que se deve este procedimento do governo, que sendo paulista desde o presidente até os seus acolytos Glycerio e Campos Salles não deveria deixar a iniciativa ao governador dr. Lauro Sodré !

E' mais uma manifestação dos filhos da tribu de Guarany ao grande morto.

CARLOS GOMES

FONTE: *Diário de Notícias*, Belém (Pará), ano XVII, n. 215, p. 1, 26 set. 1896.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ABREU, Casimiro de. *Obra de Casimiro de Abreu*. Apuração e revisão do texto, escoreço biográfico, notas e índices de Souza da Silveira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 271, p. 1, 27 set. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14985>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite; Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A + B*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 3, n. 6, jul.-dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/983/764>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BRANDÃO, José Maurício. Ópera no Brasil: um panorama histórico. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 31-47, 2012. Disponível em:

<<https://revistas.ufg.br/%20musica/article/view/22543/13404>>.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUGO, Victor. *Les feuilles d'automne; Les chants du crépuscule*. Paris: Charpentier, 1846.

GUARINI, Giovanni Battista. *Il pastor Fido*: tragicomédia pastorale. Venetia: Giovanni Battista Ciotti, 1602.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008. 4v.

MUSSET, Alfred de. Lucie. *Revue des Deux Mondes*, tome deuxième, quatrième série, Paris, Au Bureau de la Revue des Deux Mondes, p. 617-620, 1835.

SATIN, Ionara. *A Itália de Machado de Assis: um olhar de cronista*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2018.

SILVA, Marcos Rafael da. *Os protocolos italianos (1892-1898)*. 2018. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06092018-150804/pt-br.php>>.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.